

**A violência contra a mulher em contos de  
*Beijo, boa sorte*, de Ana Elisa Ribeiro**

Paula Queiroz Dutra<sup>1</sup>

We shall by morning  
Inherit the earth.  
Our foot's in the door.

Mushrooms, Sylvia Plath

**Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo problematizar a representação da violência contra a mulher em alguns dos contos reunidos no livro *Beijo, boa sorte* (2015), da escritora mineira Ana Elisa Ribeiro. Entre o cotidiano e a memória, os contos abordam as várias formas de violência contra a mulher presentes em nossa sociedade. Com base na crítica literária feminista e nos estudos de gênero, buscamos investigar de que forma a autora subverte os papéis de gênero tradicionais no intuito de desenvolver uma crítica à violência contra a mulher em seus escritos.

**Palavras-chave:** violência contra a mulher, ficção contemporânea, contos, Ana Elisa Ribeiro.

A violência contra a mulher é um dos temas mais prementes e atuais dos estudos feministas. Seu reconhecimento, um tanto recente, de se constituir em uma violação dos direitos humanos, foi um passo importante para o surgimento de políticas de combate à violência de gênero. De acordo com Lei 11.340 de 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, “configura violência doméstica ou familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”<sup>2</sup>.

Em suas diversas formas, a violência de gênero, termo mais amplo que abarca a violência doméstica e a violência intrafamiliar, revela a assimetria que estrutura nossa sociedade e que estabeleceu, de forma arbitrária, a ideia de que existe uma superioridade dos homens sobre as mulheres. Como observado por Pierre Bourdieu em *A dominação masculina*, as estruturas de dominação não podem ser pensadas fora da história e são:

produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: qpaulad@gmail.com

<sup>2</sup> BRASIL, Lei 11.340. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

simbólica) e instituições, famílias, a Igreja, a Escola e o Estado. (BOURDIEU, 2014, p.55)

Segundo Elaine Showalter (1989), como categoria de análise, o gênero marcou uma grande transformação nas ciências humanas nos anos 1980. Do ponto de vista da crítica literária, tornou-se um elemento indispensável para se pensar desde a produção e a circulação do discurso literário, e também a sua própria análise, uma vez que “todo discurso é necessariamente uma fala sobre gênero, se considerarmos que em toda língua o gênero é uma categoria gramatical que tem o masculino como o padrão” (SHOWALTER, 1989, p.1). Mas falar de gênero, como destaca Showalter, “é falar sobre homens e mulheres”, buscando compreender de que forma as diferenças interferem na ordem social<sup>3</sup>. Para Showalter (1989, p. 3), a introdução do gênero como categoria de análise gerou uma transformação intensa nos estudos literários e, principalmente, na crítica literária feminista, que passou a investigar de que forma toda leitura e escrita de textos literários, seja ela produzida por homens ou mulheres, é marcada pelo gênero. Showalter também destaca a importância que o gênero teve para revelar a necessidade de se pensar, em conjunto, outras categorias importantes como raça, etnia e classe, sem as quais falar de gênero seria uma análise igualmente parcial, e seu papel em aproximar a crítica feminista do estudo das minorias.

Showalter, assim como Bourdieu, observa que as relações de gênero são, na verdade, relações de poder:

gênero não é apenas uma questão de diferença, o que presume que os sexos sejam distintos e iguais; mas de poder, já que observando a história das relações de gênero encontramos assimetria sexual, desigualdade e dominação masculina em qualquer sociedade. (SHOWALTER, 1989, p. 4)<sup>4</sup>

Desse modo, é importante observar como autoras contemporâneas como Ana Elisa Ribeiro, ao retratar as diferentes formas de violência cometidas contra as mulheres em seus escritos, contribuem para questionarmos e refletirmos sobre as relações de poder que permeiam a sociedade e, quase sempre, ratificam uma naturalização da violência contra a mulher. Reunindo textos curtos que se aproximam do conto pela

---

<sup>3</sup>O termo violência de gênero, portanto, implica em pensarmos a violência sofrida tanto por homens quanto mulheres por motivo de gênero. Por conta do recorte escolhido, concentraremos nossas observações na violência sofrida pelas mulheres.

<sup>4</sup> “gender is not only a question of difference, which assumes that the sexes are separate and equal; but of Power., since in looking at the history of gender relations, we find sexual asymmetry, inequality, and male dominance in every known society” (tradução minha)

forma sucinta com que descrevem o enredo e as personagens e que estão em consonância com o ritmo acelerado e, porque não dizer, fragmentado dos tempos modernos, o livro *Beijo, boa sorte* (2015) apresenta histórias de mulheres, de diferentes idades e classes sociais; histórias de família, tão comuns como as nossas próprias lembranças; histórias de amor, que nos convidam a refletir sobre os “finais felizes”. Os sete minicontos que analisaremos a seguir foram retirados da primeira parte do livro, intitulada “com o rosto em retalhos” e descrevem a violência contra a mulher em suas diferentes formas.

Para Pierre Bourdieu (2014, p. 56), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as serem vistas como naturais”. Isso pode ser percebido no conto “Felizinhas”, no qual Ana Elisa Ribeiro retrata a forma persistente e naturalizada com que as mulheres sofrem violência doméstica em suas relações pessoais e afetivas. As marcas de violência são observadas nas mulheres de diferentes gerações da família, levando a narradora-observadora a questionar a condição de vida das mulheres:

Lembro de minha mãe com algodão nas narinas e sete furos abaixo do seio esquerdo. Ornamentais. E também lembro da minha avó roxinha, roxa que nem repolho, com uns ornamentos no pescoço. E me ensinaram que elas eram felizes. (RIBEIRO, 2015, p. 17)

Mesmo retratando a violência sofrida de forma por vezes brutal, é possível perceber nas personagens a capacidade de agência, seja ao procurar ajuda, seja ao refletir sobre o que lhe foi “ensinado”. Aqui vale lembrar as reflexões de Bourdieu (2014, p. 47) sobre a violência simbólica que estrutura as relações de dominação “sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente”, pois há uma espécie de cerco invisível que gera um confinamento simbólico, adestrando o corpo feminino a ter determinada conduta. Desde cedo as mulheres são ensinadas a ter certo comportamento, a usar certas roupas e se expressar de determinada forma, o que é passado de geração para geração, reforçando a ideia de que essa divisão sexual e social é natural e intrínseca à sociedade.

Já o conto “Explicação na delegacia de ccm” retrata de que forma a violência progride pouco a pouco em alguns relacionamentos, sendo difícil muitas vezes classificá-la em apenas um tipo. No entanto, o título demonstra a possibilidade de resistência por parte da mulher, que busca proteção da polícia em uma delegacia especializada:

Ontem, saí do primeiro; saí do segundo; o terceiro soco pegou.  
(RIBEIRO, 2015, p. 18)

O miniconto “Incêndio”, no qual um homem, provavelmente o marido, é questionado por sua conduta em uma delegacia, ao mesmo tempo em que revela a violência tão banalizada contra a mulher, demonstra que crimes assim são investigados e não ficarão impunes. O miniconto também problematiza a desculpa frequente usada pelos agressores de se tratar de um “acidente”.

Não pus fogo no colchão por intenção, doutor. A ideia da vela foi ela quem teve. Acho que viu na televisão a vela em cima da cama. Vê-la carbonizada me lembrou muito aquelas velas votivas gastas. (RIBEIRO, 2015, p.24)

No miniconto “Os nomes, não”, Ribeiro revela a violência doméstica em toda a sua intensidade, mostrando que as crianças também são vítimas ao presenciar (e muitas vezes, também sofrer fisicamente) a violência cometida pelos pais contra suas esposas dentro de casa. Os traumas sofridos pelos que convivem em um ambiente violento podem causar marcas que são carregadas ao longo da vida, como podemos observar na personagem Ercília do miniconto a seguir:

Ercília não gostava do próprio nome. Desde criança sentia mal-estar quando o pai vinha dizendo Ercília pelo corredor, abanando a mão imensa pelos ares, ameaçando umas sapecadas e acusando-a de traquinagem que ela nunca havia feito. Ercília escondia-se atrás da porta da sala e sempre encontrava-se com o irmão ali. Também Rui corria para se esconder do pai, que vinha pelo corredor com a fivela do cinto brilhando e as ameaças pulando dos beiços. Ercília e Rui não gostavam de ouvir os próprios nomes desde que os ouviram pela última vez, na boca da mãe, Isaura, que chamou por socorro até sufocar embaixo do travesseiro. (RIBEIRO, 2015, p. 30)

Já o conto “Dos prêmios da delegada”, Ribeiro subverte as expectativas do leitor ao retratar uma personagem forte, que reage à violência dos homens, ainda que também de forma violenta. A delegada, ciente da violência e dos perigos que corre, demonstra ao final do conto que as mulheres também podem ser temidas. Ainda que seja problemático o uso da violência como forma de solucionar a violência estrutural contra as mulheres, isso se dilui com a caracterização da personagem em um papel dotado de autoridade e associado à justiça. É possível observar uma intertextualidade com o conto de Charles Perrault, *o Barba Azul*<sup>5</sup>, de 1697, sobre a vida de um aristocrata violento que se casou várias vezes e cujas esposas desapareceram. A sétima esposa, por curiosidade,

---

<sup>5</sup> Agradeço a Cíntia Schwantes pela observação.  
Anais do Fórum dos Estudantes - ISSN 2318-2040

abre um dos quartos do castelo e encontra as esposas anteriores mortas e penduradas na parede, conduta semelhante à do homicida no conto de Ana Elisa Ribeiro:

Que ele era homicida eu já sabia. Diziam que também colecionava romances e mandava empalhar as cabeças das moças e pendurar na parede de uma sala secreta. As cabeças ficavam lá, com olhos vidrados, junto com outras caças e também armas brancas e de fogo. Ainda assim aceitei seu convite para uma esticada. Tomei o cuidado de jamais ir à sua casa. Mas ele aceitou o convite para entrar na minha e viu a coleção de pênis duros em vidros de formol. (RIBEIRO, 2015, p. 19)

O conto “Sacada” aborda um relacionamento abusivo e o comportamento resistente de alguns homens que não aceitam “não” como resposta e querem impor a sua vontade a todo custo. Como observa Anthony Giddens em *A transformação da intimidade*, a violência surge como forma de os homens readquirirem o controle sobre as mulheres:

O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. (GIDDENS, 1993, p. 11)

Quando Melinda diz que vai terminar o relacionamento e ir embora, o narrador do conto reage com violência, desconsiderando também a gravidez da personagem. Se a princípio o homem se diz contra o aborto, logo em seguida mata a mulher e o bebê que ela carrega no ventre. Mais do que ver como um problema a presença da criança, o que o incomoda é a capacidade de agência da mulher ao ter controle sobre o seu corpo, e abandoná-lo após optar por um aborto:

Eu não sei o que ela fará sem mim. Imagino que o rosto se transforme numa permanente coleção de vincos e que as pernas tremam ao sinal da mais embaçada lembrança. Não fomos em lua de mel para Kosovo e nem brincamos de tiro no parque. Hoje compreendo que Melina não deixou de me amar nem mesmo nesses momentos de delírio. Vendo-a daqui de cima, acho que me arrependo de não lhe ter dedicado mais punhetas e de não ter cedido aos pedidos de socorro enquanto caía. É linda mesmo assim. No entanto, quando eu disse que iria embora, não suportei fitar-lhe a casa. O cenho fechou-se numa expressão-relâmpago e notei nela os punhos cerrados. A barriga enorme já não deixava dúvida sobre a prenhez e o rosto preocupado deixava entrever ainda a intenção do aborto. Mas eu não permitiria. Ficou nervosa – tigresa à morte – quando mostrei as passagens de trem. Nem era assim tão longe, mas era o abandono. Olhando daqui, noto que a calcinha era presente de Natal. Mesmo estatelada lá embaixo, ainda dedico-lhe tesão. Melina, minha menina, quem mandou ficares de costas na sacada? (RIBEIRO, 2015, p. 13)

O conto “Enxuto” retoma a ideia de que as relações de dominação são ensinadas, como vemos na frase “Vovó e mamãe me ensinaram que o gostar vinha com o tempo e com as porradas” (RIBEIRO, 2015, p. 23), e demonstra o escalonamento da violência no ambiente doméstico, revelando como a violência psicológica gera um clima de tensão que culmina com a violência física e, como vemos no conto a seguir, com o feminicídio:

“É porque somos intensos”, assim, enxuto. Foi como ele me explicou a atitude áspera que tinha comigo. Depois duns anos de convivência, aprendi a gostar do cheiro de suor que ele tinha ao chegar para o almoço. Vovó e mamãe me ensinaram que o gostar vinha com o tempo e com as porradas. Naquele momento, o cano do revólver já ganhara a temperatura do meu corpo. Quando ele encostou em minha têmpora direita, estava frio, cheirava a guardado. Nem mesmo queria me deixar ir ao banheiro. Estávamos ali, pendentes, no peitoril da janela, fazia horas. Distinção difícil. Tempo fake. O frio era psicológico, assim como o tempo. Mas o cano da arma não era. Ele chegara hostil. Respondeu malcriado às minhas perguntas mais simples: tudo bem? Ele resmungava, mas me olhava como quem tivesse um plano. Projetava uma história e eu nem notara que havia desencavado um revólver. Quando pensei que fosse me abraçar, envolveu-me com um dos braços, mostrou-me a nova tatuagem [um lagarto venenoso] e assentou a arma com vigor em minha têmpora. Não me deixou falar e pediu que eu não chorasse. Estávamos pornográficos com aquela arma nas mãos. Não duvidava, mas não sabia se ele teria coragem de apertar o gatilho. Pedi favor e fiz promessa. “Faço almoço, lavo e passo”. O cano quente. A pólvora com cheiros. Talvez eu sentisse um clarão queimar a vista, os olhos explodidos, a miopia curada. Ao menos esta maldita miopia. (RIBEIRO, 2015, p. 23)

Os contos de Ana Elisa Ribeiro selecionados para nossa análise denunciam a persistente violência contra a mulher no Brasil, em suas diferentes formas. Revelam como a violência também é aprendida e naturalizada, por homens e mulheres, com base nas relações de gênero que, como já mencionamos, são, na verdade, relações de poder.

Além de propor uma reflexão sobre a violência doméstica e o feminicídio, os minicontos também subvertem algumas expectativas do(a) leitor(a) ao apresentar personagens que resistem, procuram ajuda, refletem sobre os ensinamentos passados de geração para geração e questionam os papéis de gênero tradicionais, estruturantes dessa violência que é um grave desrespeito aos direitos humanos. Por sua linguagem acessível e sucinta, os minicontos de Ana Elisa Ribeiro podem se tornar importantes lições de gênero, em pequenas doses, para instigar o debate sobre as assimetrias de gênero no trabalho com o texto literário, já que são essas assimetrias que geram inúmeras violências, enraizadas e invisibilizadas no tecido social.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. São Paulo: BestBolso, 2014.
- BRASIL. *Lei n. 11.340*. (2006). Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Renovação e permanência: o conto brasileiro da última década”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, no 11. Brasília, janeiro/fevereiro de 2001, pp. 3-17.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- GOULART, Rosa Maria, O conto: da literatura à teoria literária, *forma breve 1*, 2003, p. 7-13.
- PERRAULT, Charles. O barba azul. In: *Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- RIBEIRO, Ana Elisa. *Beijo, boa sorte*. Natal: Jovens Escribas, 2015.
- SHOWALTER, Elaine (Ed.). *Speaking of gender*. New York and London: Routledge, 1989.